

## ARTIGO

# A CONSTITUIÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Cátia Silene Ramalho Motte<sup>1</sup>

Carlos Alexandre Batista Ribeiro<sup>2</sup>

Ronaldo Félix Almeida<sup>3</sup>

---

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo evidenciar a constituição da prática docente, seus desafios e possibilidades, por meio da recuperação de aspectos presentes nos processos de socialização. Para tanto foram consultados os autores Berger, Luckamann, Dubar e Oliveira. Foi realizada uma coleta de dados. Os resultados mostraram a força da socialização primária como influência determinante no exercício da profissão.

**Palavras-chave:** Prática, identidade profissional, processos de socialização.

## ABSTRACT

This article aims to spotlight the teaching practice constitution, its challenges and possibilities, through the recovery of aspects present in the socialization processes. This way, some authors, such as Berger, Luckamann, Dubar and Oliveira were consulted. A data sample was collected. The results showed the strength of primary socialization as a determining influence in the profession exercise.

**Key-words:** Practice, professional identity, socialization processes

---

<sup>1</sup> PMP, Economista e especialista em Gestão de TI. Carreira desenvolvida nas áreas de Orçamento, Informática e Escritório de Projetos. Atualmente trabalha em uma Organização do Terceiro Setor, na área de Planejamento. Atualmente cursando Pós-graduação em Docência do Ensino Superior no Instituto Sumaré de Educação Superior (ISES).

<sup>2</sup> Professor, formado em Administração de Empresas em 2006, MBA em Gestão Estratégica e Finanças Corporativas, MBA em Administração de Negócios atuando na área da Educação, como professor universitário nos cursos de Administração, Marketing, Ciências Contábeis, Economia, Gestão Financeira e recursos Humanos na Faculdade Sumaré. Tutor de EAD dos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Gestão Financeira e Logística na UNIP. Atualmente cursando Pós-graduação em Docência do Ensino Superior no Instituto Sumaré de Educação Superior (ISES).

<sup>3</sup> Supervisor na empresa Atento Brasil e Professor dos Cursos Técnicos (PROUNI) da Faculdade Sumaré, formado em Redes de Computadores pela Faculdade Carlos Drummond de Andrade. Atualmente cursando Pós-graduação em Docência do Ensino Superior no Instituto Sumaré de Educação Superior (ISES).

## INTRODUÇÃO

O processo de construção da identidade profissional tem sido priorizado em estudos relativos aos comportamentos, ações e situações observadas em determinadas sociedades, grupos e organizações. O entendimento de que esta identidade se constitui, a partir de experiências vividas pelo sujeito, permite considerar que o retorno aos processos de socialização se configura como um movimento pertinente na busca pela compreensão da prática profissional.

O sujeito, ao longo da vida, adquire comportamentos, posturas e valores baseado no que as instituições que promoveram sua socialização consideraram como correto, a partir desse entendimento, visto pelo sujeito como aquilo que a sociedade legitima, norteia suas práticas profissionais e sua vida pessoal. No entanto, em sua trajetória surgem novas experiências, possibilidades, formas de pensar e de se inserir no meio. Então é possível questionar: como o sujeito enfrenta o desafio de pensar sob outra perspectiva?

Na família, na escola, no grupo de amigos e no trabalho, constituímos uma identidade social reconhecida por nós e pelos outros, ela nos dá a dimensão de quem somos, por meio do pensamento e das ações que praticamos. Em muitos momentos, o sujeito se vê diante do desafio da mudança, o qual geralmente evidencia como cada um interpreta esse desafio para responder à demanda que tem diante de si.

Portanto, retomar os processos de socialização, apoiado nos estudos de Berger e Luckmann (2012) permite uma releitura do processo de constituição dessa identidade social e também profissional. Os sujeitos aqui analisados, por meio de seus relatos, permitem recuperar tais trajetórias e contribuem para a compreensão dos desafios que necessitam enfrentar, para possibilitar a reorientação de práticas mais pertinentes para o contexto contemporâneo.

Os resultados iniciais permitem considerar que os processos de socialização primária incidem de maneira bastante significativa na identidade profissional dos sujeitos pesquisados, uma vez que seus relatos apontam forte influência nas escolhas e comportamentos adotados por eles.

No entanto, mesmo diante dessa fragilidade presente na consideração dada à formação, vista como um desafio a ser superado, existe sempre a presença de mudanças competindo com aquilo que está estabelecido, fato que indica possibilidades de transformação da prática profissional.

## A EXPERIÊNCIA SOCIALIZADORA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL

A experiência socializadora vivida por todos os sujeitos inseridos numa sociedade que exerce uma cultura própria e legitimada constrói um processo permeado por escolhas, decisões, posturas, adequações, inquietações, rupturas, rejeições, acomodações, angústias, fracassos e vitórias, decorrentes de um modo de ser que já existia antes de sua chegada ao mundo.

Os processos de socialização são responsáveis por inserir o sujeito nessa realidade social, por subsidiar sua entrada nesse mundo compartilhado (BERGER; LUCKMANN, 2012), porém, há uma relatividade nos modos como esses fenômenos sociais são interiorizados, por depender não somente da interpretação que cada um faz do mundo social, mas também da cultura que permeia esse mundo do sujeito.

Essa ordenação das ações aparece como um modo natural de conceber o mundo e constitui um tecido de significados que permite que a ordem institucional seja aceita, porém, a socialização desse universo simbólico nunca é totalmente bem sucedida, devido ao processo de transmissão de uma geração à outra e, assim, as interpretações subjetivas começam a se delinear e a serem partilhadas com traços diferenciais (OLIVEIRA, 2014).

Esse fenômeno abre a possibilidade de um movimento de mudança, a medida que esse universo de representações que é legitimado pela sociedade pode também ser modificado em contato com traços culturais que apresentam alternativas possíveis de interpretação dessa mesma realidade.

Nessa confrontação da velha ordem à imagem nova surge uma implicação de poder que buscará definir qual das realidades em conflito será “fixada”, nesse processo é evidente a luta em torno de mecanismos de controle para manutenção da ordem institucionalizada, traduzida por parâmetros religiosos, filosóficos e científicos, o que pode gerar no sujeito inclusive, uma culpa pela não aceitação ao que está estabelecido (Berger e Luckmann, 2012).

A possibilidade desse conflito de ideias pode gerar mudanças pautadas de acordo com os interesses que devem legitimar. Em muitos casos, a mudança é apoiada por uma ideologia que continua a legitimar espaços de poder e que submete o sujeito a seus interesses imediatos e o sujeito nem sempre se dá conta desse mecanismo, por isso a necessidade de compreensão dos fenômenos presentes na constituição da identidade profissional por meio da recuperação dos processos de socialização.

No que se refere à interiorização da realidade, Berger e Luckmann (2012) definem três momentos importantes para sua compreensão e análise: a socialização primária, a socialização secundária e a conservação e transformação dessa realidade subjetiva.

A socialização primária nasce com a predisposição para a sociabilidade, com a apreensão do mundo como realidade dotada de sentido e geralmente acontece no ambiente familiar. Neste momento da socialização que ocorre na infância, o sujeito “assume” o mundo no qual os outros já vivem e esse processo é em certo sentido um processo original, porque cada um interpreta essa dinâmica de maneira singular.

Num segundo momento, o sujeito passa pelo processo de socialização secundária que representa qualquer outro processo subsequente que introduz o sujeito em novos contextos. No entanto, destacamos que para os autores, a socialização primária constitui um momento decisivo na vida do sujeito social. É imediatamente evidente que a socialização primária tem em geral para o indivíduo o valor mais importante e que a estrutura básica de toda socialização secundária deve assemelhar-se à da socialização primária (Berger e Luckmann, 2012, p. 169).

Para justificar essa afirmação, os autores apontam que na socialização primária ocorre, além da internalização de um aprendizado que exige o uso da inteligência, um processo carregado de alto grau de emoção traduzido por uma multiplicidade de modos emocionais, e o sujeito assume um mundo que retrata atitudes que se mostram significativas, ou seja, toma para si um mundo social específico e com uma marca singular.

No entanto, é importante destacar que, na socialização primária não há escolha de outros significativos, a sociedade apresenta ao sujeito um conjunto definido de conceitos que ele tem de aceitar e essa falta de opção gera uma identificação automática que produz uma interiorização quase inevitável (Berger e Luckmann, 2012, p. 174-175).

É por esta razão que o mundo interiorizado na socialização primária torna-se muito mais firmemente entrincheirado na consciência do que os mundos interiorizados nas socializações secundárias. Por mais que o sentimento original de inevitabilidade seja enfraquecido por desencantos subsequentes, a lembrança de uma certeza que nunca deverá repetir-se – a certeza da primeira aurora da realidade – fica ainda aderente ao mundo da infância. A socialização primária realiza assim o que (numa visão retrospectiva, evidentemente) pode ser considerado o mais importante conto do vigário que a sociedade prega ao indivíduo, ou seja, fazer aparecer como necessidade o que de fato é um feixe de contingências.

Portanto, só em processos posteriores haverá a descoberta de outras possibilidades, o que pode ser chocante, dependendo das circunstâncias em que a socialização secundária acontece.

Geralmente ela traz outros olhares, determinados pela complexidade da divisão do trabalho e a concomitante distribuição social do conhecimento. É a aquisição de funções específicas representadas por realidades parciais em contraste com o mundo básico adquirido na socialização primária.

Segundo os autores, os processos formais da socialização secundária são atravessados por um problema crucial: enxergar a possibilidade de assumir outros posicionamentos e sobrepor valores até então considerados corretos. Um exemplo dessa dificuldade é o reconhecimento de que o mundo dos pais não é o único existente, mas tem uma localização social particular.

Para Berger e Luckmann (2012) a criança vive no mundo tal como é definido pelos pais, ela é capaz perfeitamente de deixar para trás uma conduta ensinada na escola, mas não deixará um preceito ensinado na família; para que ela se sinta segura para tomar esse novo posicionamento, é preciso que a nova conduta seja reforçada e legitimada institucionalmente.

Essas manobras são necessárias, porque já existe uma realidade interiorizada, fato que coloca para a socialização secundária, o desafio constante de dar sentido a nova prática, além de exigir um esforço constante de sua legitimação que representa o terceiro momento de nossa análise: a transformação da realidade subjetiva.

Mesmo quando o mundo da vida cotidiana conserva sua maciça e indiscutível realidade, ela está ameaçada pelas situações marginais da experiência, pois existe sempre a presença de mudanças, competindo com aquilo que está estabelecido.

Para Oliveira (2014), a busca, tanto da conservação, quanto da mudança dessa realidade que é originariamente interiorizada por um processo social busca legitimação em processos sociais para reafirmar sua subjetividade, por meio de outros significativos que julgam capazes de confirmar a identidade do sujeito.

No entanto, se os contatos com outras realidades e seus representantes forem frequentes, há possibilidade da realidade subjetiva ser transformada. O que o sujeito conhece como realidade interiorizada, impregnada ou não de senso comum, constitui um tecido de significados, oriundo dos processos de socialização, que pode levar ao desejo de conservar essa realidade ou, ao contrário, suscitar mudanças a partir da desnaturalização dessa mesma realidade. Portanto, a prática profissional parece se configurar em meio a todas essas dinâmicas de ação, o que representa um conjunto de desafios a serem enfrentados no cotidiano, mas apontam também possibilidades de transformação da prática.

Essa realidade é complexa e aborda uma série de elementos que configuram, segundo Dubar (2005) um processo em que “a socialização profissional consiste, para os indivíduos, em construir sua identidade social e profissional, através do jogo das transações biográficas e relacionais (p. 256)”.

Assim, se a socialização é definida pelo autor como “construção de um mundo vivido”, ela é um processo que pode ser desconstruído e reconstruído. A partir dessa perspectiva, a socialização se torna: “um processo de construção, desconstrução e reconstrução de identidades ligadas a diversas esferas de atividade (principalmente profissional) que cada um encontra durante sua vida e nas quais deve aprender a tornar-se ator” (Dubar, 2005, p. 17).

A identidade é, então, produto desse processo conflituoso que implica práticas, relações e representações, e se situa “(...) no vínculo entre o trabalho e a interação, isto é, entre a dinâmica das atividades instrumentais (...) e a natureza das atividades comunicativas” (Dubar, 2005, p. 102).

Para os interesses dessa análise, recuperamos os processos de socialização dos sujeitos investigados, como caminho possível para compreender como se constitui a prática profissional, evidenciar as influências presentes na configuração da identidade e apontar os desafios e possibilidades nesse movimento contínuo.

## **TRAJETÓRIAS DE SOCIALIZAÇÃO: UM POUCO DE NÓS**

Os dados, a seguir, configuram um retorno a trajetória de formação inicial dos sujeitos analisados, recorte privilegiado para problematizar a constituição da prática profissional a partir da identidade forjada nessa etapa da socialização secundária, embora exista a consideração de que a socialização primária está implícita nesse processo.

*Ronaldo Félix*

Como professor, diante da oportunidade de entrar numa sala de aula e lecionar pela primeira vez, tomei isso como uma tarefa, um desafio, e embora a experiência, a priori, ter causado certa ansiedade, é possível dizer que aprendi e aprendo muito com a arte de ensinar. Passei a faculdade toda fomentando essas ideias, elaborando conteúdos para que a atividade da docência fosse feita da melhor forma possível. Tive que encarar o desafio como um “pegar ou largar”, uma vez que a atribuição não é fácil, porém decidi seguir adiante e ver aonde chegaria, inacreditavelmente tive uma surpresa enorme. Sou professor de TI e me sinto realizado, muito feliz por ter tido essa oportunidade, e sinto que agora abriam mais portas com o aprendizado na pós-graduação em Docência para o Ensino Superior adquirido, o que me faz perceber a sala de aula com outra visão. O professor tem um papel

importante nesse processo, pois, além de ser formador de opiniões e de futuros profissionais, ele deve estar pronto para servir à comunidade em que ele está inserido e ajudar no que for preciso, para construir um país mais justo, solidário e humano. Tenho orgulho de ser professor, amo estar dentro de uma sala de aula, de sentir o carinho dos alunos e de ensinar a eles bons valores.

*Cátia Motte*

Em 2014, eu me formei na área de Logística na Faculdade Sumaré e ressalto que tive oportunidade de estabelecer trocas de experiências relevantes nesta IES. Atualmente trabalho em uma companhia aérea no setor financeiro e o curso foi uma forma essencial de agregar valores para os atuais e futuros profissionais. Aprender envolve atribuir significado, produzir relações, mobilizar-se com as experiências já vividas. Além disso, o processo de aprendizagem é permeado por afetos, desejos, expectativas e vontades.

*Carlos Ribeiro*

Após uma vasta experiência adquirida ao longo de 20 anos de atuação nas áreas administrativa e financeira, não me sentia completamente realizado profissionalmente, faltava algo. Ao conduzir alguns treinamentos corporativos, muitos me abordavam após o término e me perguntavam onde eu lecionava e, para surpresa de todos, eu respondia que não era professor. Acredito que esse fato tenha sido um dos motivos pelos quais acabei optando pela vida acadêmica, sendo que o maior balizador foram os professores que passaram pela minha vida. Quando aluno no ensino fundamental, confesso que não me atentava claramente em como os professores poderiam me afetar, não só na condição de estudante, como também na condição de formação de caráter, de cidadão, de ser pensante. Carrego inúmeras boas e más memórias da minha fase estudantil e hoje reconheço que todos os fatos ocorridos durante o meu processo de aprendizagem são responsáveis pelo que sou e pelo que me tornei. Na formação superior, minha percepção sobre as metodologias empregadas, bem como sobre a aptidão dos docentes na condução de suas aulas já estava muito mais aguçada, ou seja, como discente eu conseguia, além de internalizar uma enorme gama de informações dispendidas, avaliar quem ou qual dos docentes se sobressaía em sala. O interessante dessa análise é que, independente do domínio da disciplina, o que marcava mais era como o professor atuava, e não o conhecimento. Posso afirmar que aprendi muito, até mesmo com professores cujo domínio duvidoso da disciplina colocava à prova sua atuação, mas a maneira como conduziam a aula muitas vezes me fascinava. Sempre contestei as práticas de ensino aprendizagem mecanicistas, em que o aluno se prostrava diante do professor e adotava um sistema de ouvir e repetir sem que em momento algum pudesse ou ao menos tentasse pensar por si só, às vezes imaginar já poderia ser um bom começo. Poucos foram os professores que no decorrer da minha formação me influenciaram no meu modo de agir, principalmente no que diz respeito à maneira de conduzir uma aula, fazendo com que o pensamento de Paulo Freire “boniteza de ser gente”, torne-se a “boniteza” de ser professor e “fizesse total sentido para todos nós”, no exercício de ser professor.

## **ELEMENTOS CONSTITUIDORES DA PRÁTICA: A IDENTIDADE FORJADA NOS PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO**

Ao priorizar o recorte da formação inicial e contínua como elementos decisivos para essa análise, os sujeitos recuperaram breves impressões do período considerado com o objetivo de favorecer a percepção acerca da influência desses processos socializadores em sua prática profissional, como indicadores de possibilidades de transformação, bem como de seus limites e desafios.

Os relatos apontam que os sujeitos veem na prática, no exercício da profissão, uma chance objetiva de alcançar sucesso, não há indicações diretas sobre a formação, mas fazem referência à arte de ensinar, a uma inserção no universo profissional como determinante para o aprendizado da profissão.

“Como professor, ao me ver diante da oportunidade de entrar numa sala de aula e lecionar pela primeira vez, tomei isso como uma tarefa, um desafio, e embora a experiência, a priori, ter causado certa ansiedade, é possível dizer que aprendi e aprendo muito com a arte de ensinar” (R.F.).  
“(…) hoje reconheço que todos os fatos ocorridos durante o meu processo de aprendizagem, são em muito responsáveis pelo que sou e pelo que me tornei” (C.R.).

A partir, portanto, dos relatos, é possível dizer que os sujeitos ainda parecem ligados a uma epistemologia da prática, ou seja, acreditam em função de uma cultura muito disseminada entre nós que é na prática que de fato se aprende a profissão. Inúmeros estudos têm nos mostrado a inverdade presente nessa afirmação e desse modo, os estudos buscam restabelecer o lugar da teoria no exercício profissional, embora o sucesso desse empreendimento ainda demande uma longa estrada a percorrer.

Essa cultura do aprender “fazendo” é muito presente em nossa realidade e os relatos apontam como viveram essa situação quando de seu ingresso no mercado de trabalho.

“Tive que encarar o desafio como um “pegar ou largar”, uma vez que a atribuição não é fácil, porém decidi seguir adiante e ver aonde chegaria, inacreditavelmente tive uma surpresa enorme” (R.F.).  
“Ao conduzir alguns treinamentos corporativos, muitos me abordavam após o término e me perguntavam aonde eu lecionava, e para surpresa de todos, eu respondia que não era professor” (C.R.).

Os sujeitos analisados reiteram a importância da prática quando afirmam que venceram obstáculos e até que se surpreenderam no exercício da profissão, uma vez que parecem ter claro que não haviam concluído a trajetória de formação como seria de se esperar. Esse fenômeno gera uma surpresa no próprio sujeito, que vê diante de sua inserção um resultado inusitado. Para o outro professor, a perspectiva do elogio parece anunciar uma perspectiva de “dom” ou “vocação” que o licenciava para condutas aceitáveis.

De outra perspectiva, a postura de outros professores e a sua própria conduta parece também representar um indicativo importante para a prática do profissional que vê nessa referência e nos aspectos afetivos envolvidos na interação, caminhos possíveis para a solução de seus desafios cotidianos.

“Posso afirmar que aprendi muito até mesmo com professores cujo domínio duvidoso da disciplina colocava à prova sua atuação, mas a maneira como conduziam a aula muitas vezes me fascinava” (C.R.).

“O professor tem um papel importante nesse processo, pois além de ser formador de opiniões e de futuros profissionais, ele deve estar pronto para servir toda à comunidade” (R.F.).

“Aprender, no meu entender, envolve atribuir significado, produzir relações, mobilizar-se com as experiências já vividas” (C.M.).

A referência a esses aspectos da prática profissional parecem denotar a importância dada ao elemento presente na experiência, no exemplo e na consideração. Esses aspectos parecem também aprendidos por meio da observação das práticas vividas na experiência de escolarização, portanto, devedoras dos processos de socialização.

O exercício da profissão, expresso pelos professores, evidencia como se veem diante da prática e aponta elementos presentes em sua identidade profissional, por meio daquilo que consideram relevante em suas trajetórias.

“Tenho orgulho de ser professor, amo estar dentro de uma sala de aula, de sentir o carinho dos alunos e de ensinar a eles bons valores” (R.F.).

“(…) o curso foi uma forma legal de agregar valores para os atuais e futuros profissionais” (C.M.).

“Na formação superior, minha percepção sobre as metodologias empregadas, bem como sobre a aptidão dos docentes quando na condução de suas aulas, já estava muito mais aguçada, ou seja, como discente, eu conseguia, além de internalizar uma enorme gama de informações dispendidas, avaliar quem ou qual dos docentes se sobressaia em sala” (C.R.).

A análise parece apontar para a importância dos processos de socialização como aportes que sustentam a prática dos sujeitos analisados, pois, muito do que consideram relevante no exercício profissional, provém da experiência, e não de uma formação teórica fundamentada em princípios e pressupostos que alimentam essa prática.

Essa é uma constatação que remete à necessidade de fomentar a discussão em torno dessa epistemologia da prática como recurso a mudanças significativas no processo de ensino e aprendizagem em todos os níveis, uma vez que os desafios ainda são grandes em busca do sucesso que todos queremos alcançar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de compreender a constituição da prática e promover uma releitura a partir da retomada dos processos de socialização, esse artigo analisou as memórias de formação para que as trajetórias vividas pudessem trazer elementos imbricados na experiência dos sujeitos e favorecer a interpretação da identidade profissional.

A compreensão da gênese desses elementos ajuda a compor um mapeamento possível dos elementos que de fato são decisivos no exercício da profissão: novas experiências, novas

possibilidades, novas formas de pensar e de se inserir no meio. Porém, como o sujeito reage a essas novas possibilidades? Como enfrenta o desafio de pensar sob outra perspectiva?

Os depoimentos apresentados evidenciaram um retorno às experiências anteriores e uma valorização da prática profissional como determinante para o sucesso. A formação é considerada relevante, ela é apontada como um processo importante, no entanto, as afirmações pareceram apontar que o pensamento do profissional é produto de um processo conflituoso que implica práticas, relações e representações, e se situa “(...) no vínculo entre o trabalho e a interação (...)” (Dubar, 2005, p. 102) muito mais do que ligado a uma formação legitimada nas instituições formadoras.

A formação está configurada como a aquisição de funções específicas representadas por realidades parciais em contraste com o mundo básico adquirido na socialização primária e nas vivências construídas no exercício da profissão.

Esses processos formais da socialização primária ganham força nessa configuração da identidade profissional, embora a socialização secundária permita enxergar a possibilidade de assumir outros posicionamentos e sobrepor valores até então considerados corretos.

Mesmo diante dessa fragilidade presente na consideração dada à formação, vista como um desafio a ser superado, existe sempre a presença de mudanças competindo com aquilo que está estabelecido, fato que indica possibilidades de transformação da prática profissional.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade – Tratado de sociologia do conhecimento**. (Trad. Floriano de Souza Fernandes). Petrópolis: Vozes. 2012.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

OLIVEIRA, L. M. S. **As formas identitárias nos contextos de trabalho: Uma análise de profissionalidade docente**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUCSP, 2014.